

*Encierro*¹

Leonardo Assis

Resumo

Encierro é palavra polifônica que guarda um jogo polissêmico: desde nomear a primeira parte das touradas anuais espanholas até amarrar processos temporais diversos, como encerrar e finalizar, tal qual aqueles espaciais — encarcerar, isolar e internar, por exemplo. Para além da experiência apocalíptica que tomou conta de nossas cidades, com destaque para o território brasileiro, recolhe-se no testemunho de alguns analisantes uma saída de tradução original, essa que evoca o que poderíamos chamar de “internar-se em si mesmo”. Em outras palavras, a oportunidade de virada desde a qual, na passagem ao ato de analista, o até então analisante encontra no mal-entendido da transferência uma tática que o faz saltar de outra maneira para a vida. O presente artigo desdobra a primeira parte da temporalidade dessa assinatura, o fim de uma cura, a saber: o instante de se autorizar ou o que podemos deduzir por ingresso como sujeito no real.

Palavras-chave:

Autorização de si mesmo; Final de análise; Transferência.

Encierro

Abstract

Encierro is a polyphonic word that holds a polysemic game: from naming the first part of the annual Spanish bullfights, to tying together diverse temporal processes, such as closing and finalizing, as well as spatial ones—incarcerate, isolate and intern, for example. Beyond the apocalyptic experience that has taken over our cities, especially in Brazil, we find in the testimonies of some analysts an original way of translation, one that evokes what we could call “the internment of himself.” In other words, the opportunity of a turning point from which, in the passage to the act of analyst, the until then analyzing finds in the misunderstanding of transference a tactic that makes him jump to life in another way. The present article unfolds the

1 Texto apresentado na Jornada do Fórum no Interior, “Pandemia de afetos”, do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP), em 17 de setembro de 2022.

first part of the temporality of this signature, the end of a cure, namely: the instant of authorizing of himself or what we can deduce by entry as subject into the real.

Keywords:

Authorization by himself; Analysis end; Transfer.

Encierro

Resumen

Encierro es una palabra polifónica que “encierra” un juego polisémico: desde nombrar la primera parte de la tauromaquia, hasta anudar diversos procesos temporales, como cerrar y finalizar, así como aquellos espaciales — encarcelar, aislar e internar, por ejemplo. Más allá de la experiencia apocalíptica que se ha apoderado de nuestras ciudades, especialmente en Brasil, encontramos en el testimonio de algunos analizantes una salida original de traducción, ésta que evoca lo que podríamos llamar “el internamiento de sí mismo”: es decir, la oportunidad de un punto de inflexión a partir del cual, en el pasaje al acto de analista, el que se analizaba hasta entonces encuentra en el malentendido de la transferencia una táctica que lo hace saltar a la vida de otra manera. El presente artículo despliega la primera parte de la temporalidad de esta firma, el final de una cura, a saber: el instante de autorizarse o lo que podemos deducir por entrada como sujeto en lo real.

Palabras clave:

Autorizarse a sí mismo; Fin de análisis; Transferencia.

Encierro

Résumé

Encierro est un mot polyphonique qui tient un jeu polysémique : de la dénomination de la première partie des corridas espagnoles annuelles, à la mise en relation de divers processus temporels, tels que fermer et finaliser, ainsi que spatiaux — incarcérer, isoler et interner, par exemple. Au-delà de l’expérience apocalyptique qui s’est emparée de nos villes, notamment au Brésil, nous trouvons dans le témoignage de certains analysants une voie originale de traduction, celle qui évoque ce que nous pourrions appeler « s’internet à soi-même ». C’est-à-dire, l’occasion d’un tournant à partir duquel, dans le passage à l’acte d’analyste, celui un analysant jusqu’alors trouve dans le malentendu du transfert une tactique qui le fait sauter à la vie d’une autre façon. Le présent article déploie la première partie

de la temporalité de cette signature, la fin d'une cure, à savoir : l'instant de s'autoriser ou ce que l'on peut déduire de l'entrée comme sujet dans le réel.

Mots-clés :

Autorisation de soi-même ; Fin d'analyse ; Transfert.

O trabalho com o vazio, desde onde se deduz um ritmo musical, envolve muitas possibilidades de escansão entre duas marcações de tempo — a tercina, por exemplo, insere duas decomposições entre 1 e 2. No caso deste texto, sua temporalidade se subdivide em 3, ou seja, uma semicolcheia.

1

O *encierro* corresponde à primeira parte da Festa de San Fermín, em Pamplona, Espanha, a qual acontece anualmente entre os dias 6 e 14 de julho. Fagocitado pelas celebrações religiosas, consiste em uma prática ancestral da tauromaquia: é o traslado dos touros por corredores isolados desde os currais nas periferias até o interior das cidades, mais precisamente as praças de agrupamento. Seu objetivo se resume a cansar os animais no período da manhã para facilitar as manobras do toureiro, cujos passeios ocupam seu lugar ao final da tarde, na arena de espetáculos — os passos do embate entre o animal e seu algoz foram incorporados ao longo dos séculos pela arte flamenca, sobretudo no que se refere ao desenho dos braços dos *bailaores*.²

Ao mesmo tempo, a palavra guarda um jogo polissêmico que amarra acepções diversas de temporalidade, como encerramento e finalização, ou encarceramento, isolamento e internação. Por um acaso, a Associação Cultural de Dança Espanhola Cuadra Flamenca, que se dedicou a brincar nessas diversas raias de sentido em seu tablado de *encierro* de 2021, bailará em novembro deste ano as letras marítimas de Alfonsina Storni, poeta argentina que se suicidou atirando-se ao mar, em 1938, no cais do Clube Argentino de Mulheres.

Alfonsina chama pelo mar em seus poemas, convidando-o ao abraço. O movimento das ondas pautava o clima do período histórico no qual ela emerge no mundo literário, povoado à época por um personagem formalizado por Charles Baudelaire, o *flâneur*, esse que passeia pelas multidões e que toma o caos das ruas como um “mal necessário”. A poeta ocupa um lugar de errância antes reservado apenas aos homens, e, em seu caso de amor com o mar, transmite um frenesi angustiante que, em vez de paralisar, desperta o desejo de escrever. “Vestida de mar”, Alfonsina encerra sua escrita em um desfecho ainda cercado de enigmas —

2 Em espanhol, os dançarinos de flamenco.

no que se chama de versão oficial, encontra-se seu salto abrupto e premeditado no mar prateado. Porém, pelos intervalos que alcançam as areias, chega até nós a hipótese de que a poeta teria se internado lentamente no mar, até perder-se em suas profundezas — seu corpo foi recolhido intacto, apenas sem um dos sapatos. Das notícias em língua espanhola, sacamos a palavra *internar*, a ser denotada como isolar, ingressar, iniciar...

Para além do cenário de fome, morte e miséria que tomou conta de nossas cidades, com destaque para o território brasileiro, não seria possível que alguns analistas tenham traduzido o *encierro* que nos foi infligido como um internar-se em si mesmo, ou, em outras palavras, a oportunidade de virada ao ato de analista? Se for capaz de deduzir a lógica de chiste do laço analítico, o analisante encontra no mal-entendido da transferência uma tática que o faz saltar de outra maneira para a vida, passando ao ato de analista — ao ingressar como sujeito no real, o analista cai como corpo em uma operação de realização que, paradoxalmente, torna-o nada mais do que um objeto, uma *litter*, um pedaço de real.

Como toda realização, essa não é uma virada sem angústia. Fixamos como cena paradigmática do afeto que não engana aquela apresentada por Kierkegaard, do homem à beira do precipício, em que o sujeito é colocado diante de suas possibilidades existenciais, convocando-o ao que há de mais autêntico na ordem da escolha e da responsabilidade. Mas também podemos deduzir de Samuel Beckett outra maneira de abordar a angústia e a temporalidade à qual ela se articula na experiência de uma análise: o fim de partida está posto desde o princípio, porém continuamos a jogar... Entre o salto dado na primeira sessão (1) — o endereçamento de uma carta de amor — e o pouso na revelação pela qual o analista se autoriza (2) — alcançar “a certeza de seu ato e a hiância que constitui a sua lei” (Lacan, 1967/1998, p. 339) —, escreve-se uma hesitação marcada pelo desenrolar do gerúndio... Não é mais um instante, mas um tempo, intenação progressiva... Quer dizer, ainda surpreso pela revelação do saber inconsciente no lugar da verdade de sua prática, esse que se autoriza prossegue na partida, não menos angustiado ao constatar que sua virada é irreversível, tal como os romanos ao atingirem a costa da ilha da Bretanha — antes de enviar seus soldados para a campanha de colonização do noroeste europeu, César ordenara que todos os navios fossem queimados assim que concluída a travessia do canal da Mancha, a fim de que restasse como única alternativa seguir em frente.

Se a partida continua, é porque a substituição pela qual se estabeleceu o processo de cura, a saber, o sintoma neurótico pelo sintoma transferencial, agora se faz obstáculo para a liquidação do laço entre analista e analisante. Se o instante de despertar não encerra a experiência da análise, eis a tarefa de se desembaraçar da armadilha, a qual o próprio sujeito criou, nomeada por Freud de neurose de transferência.

2

Conheci Samuel Beckett por intermédio de Marguerite Duras. Em 1972, ela concede uma entrevista ao crítico literário Alain Vircondelet, na qual esclarece o chamado “tempo de destruir”, apresentado em *Destruir, diz ela* (Duras, 1969/2020). Duras propõe uma revolução íntima do homem: que se fechem as escolas, as universidades; que se esqueça a história de um país; que se estabeleça uma intolerância radical ao ponto que nenhum tipo de memória permaneça, para que, então de retorno ao marco zero, o homem possa recomeçar de si mesmo em uma transformação de sua solidão capaz de lançá-lo de maneira cautelosa em direção ao saber — trata-se de “declarar o fim de partida”. Nesses termos, ela estabelece uma conversa explícita com Beckett, que escrevera em 1957 sua peça *Fim de partida* (Beckett, 1957/2016).

Em *Endgame*, adentramos uma época apocalíptica, em que estão todos encarcerados dentro de casa: Hamm, um senhor de idade avançada e paralítico; Nagg e Hell, pais de Hamm, cegos, surdos, mutilados, prostrados em duas grandes latas de lixo; e Clov, jovem serviçal, único que pode andar e que, ao hesitar entre partir e permanecer enclausurado, inicia o enredo com os seguintes dizeres: “Acabou, está acabado, quase acabando, deve estar quase acabando” (Beckett, 1957/2016, p. 13, tradução nossa). O interior da casa reproduz o interesse recorrente de Beckett pelo precário, pela pobreza, a morte e o lamaçal em que se misturam os excrementos humanos e onde os personagens se encontram atrelados, alucinados em fragmentos de memória — Clov, que, com sua luneta, é quem traz para dentro as notícias do lá fora, é a diferença através do assustador poder de se mover. Desde a entrada, o jovem declara o fim de jogo, mas segue tomado pela maldição da repetição — “a hora (...) é a mesma de sempre” (Beckett, 1957/2016, p. 16, tradução nossa) — e como joguete linguageiro no contar histórias, sobre o qual se interroga a seu mestre Hamm: “A que é que eu sirvo?” (Beckett, 1957/2016, p. 77, tradução nossa).

De acordo com Beckett de que “a civilização é o esgoto” — o inconsciente se escreve como linguagem com as mesmas letras que o discurso da cidade —, é desde *Lituraterra* que Lacan se dedicou a mostrar e a demonstrar que o ser falante não é apenas um assujeitado da linguagem, servo desse Outro que se faz mestre-tradutor de significantes. Beckett se antecipa no dever de produzir um dejetivo do ser, afirma Lacan, pois, tal como se escreve na cura analítica, seu ritmo textual se revela como corpo: cada personagem um pedaço performático, entrecortado por espaços vazios (as pausas), jogados como se fossem restos em um mangue, entre vômito e merda, onde as perfurações de saída e entrada se enlaçam em apenas uma cavidade, a boca e o cu — esse passo interior, silencioso, entorno de si, produz como efeito uma autorização inviolável, aquela que se sustenta na solidão real do corpo, a escrita (Duras, 1993/2015). Clov, que se presta a fornecer réplicas às tiradas sarcásticas de Hamm, ao encerrar definitivamente o jogo, pode dizer com

suas próprias palavras “*Ça tombe bien*” (Beckett, 1957/2016, p. 104) — no literal, “isso cai bem”. Cai bem como uma roupa o mar, traçado em horizonte que banha o corpo como continente inexplorado, sempre a descobrir pedaços de terra ainda inabitados e que esburaca a ruminância significante.

O que deve se encerrar, portanto, é esse jogo que faz do mal-entendido uma doença pela qual o analisante prossegue marcado no encontro com o analista, mesmo que a eficácia de sua cura já tenha sido deduzida, ou seja, que esse mesmo equívoco do qual padece tenha sido elevado à função de ofício.

3

Na aula de 19 de março de 1974, Lacan contrapõe o analista como fogo fátuo à expressão latina *fiat lux*, “faça-se luz”. O termo está presente no terceiro versículo de Gênese e se refere às palavras pronunciadas por Deus quando, a partir do nada, criou o Universo — “...E Deus disse: haja luz, e houve luz.” Para o bem-dizer da verdade, no campo da ciência, fogo-fátuo ou “fogo-tolo” é o efeito de cor passível de observação em lamaçais e cemitérios — trata-se de uma ilusão provocada pela explosão de fosfina e metano, em condições favoráveis à combustão, a partir da liberação de tais gases pela decomposição de matéria orgânica. Se um analista é fogo-fátuo, é porque ele é uma virtualidade que não vem dos céus, mas, sim, de uma peste, da morte, porque “ele não clareia nada, ele sai mesmo de alguma pestilência” (Lacan, 1973-1974, p. 103) — não podemos deixar de evocar aqui o jovem que caiu dos céus como efeito luminoso em direção ao submundo da morte e que guarda na raiz de seu nome o desejo. Ao avançarmos para a aula de 16 de março de 1976, encontramos a precisão de Lacan sobre sua invenção que se escreve como real, porque a presença de analista é isso que se traduz em um carço, um efeito de cor: “...dar ao discurso analítico seu *status*, a partir... do que nomeio a propósito de que o homem se coloque no lugar de lixo que ele é — pelo menos aos olhos de um psicanalista, que tem uma boa razão para saber disso, pois ele mesmo se coloca nesse lugar” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 120). A despeito de qualquer predicado, não foi preciso muito para sustentar, então, a virtualidade da experiência analítica, pois foi em sua matéria podre decidida que muitos analisantes encontraram recurso para sustentar uma virada na qual possam, como afirma Lacan (1975-1976/2007, p. 120), “reencontrar algo que seja da ordem do real”.

Para encerrar, retorno à arena. Durante séculos, apesar de a dança entre homem e animal ser celebrada como uma vitória da vida diante da morte, a escrita que um toureiro efetua só é passível de leitura de acordo com a maneira digna pela qual decompõe o touro, o demônio encarnado — compartilho o detalhe tragicômico de que o acidente mais comum nessa arte é o rasgo no cu por uma chifrada. Ao contrário dos poetas que têm esse recurso de fugir nas asas das palavras, um

analista, tal como um toureiro, não pode recuar diante do embate com a transferência demoníaca... Somente na trajetória do (as)sassinato à (as)sinatura — *as-sassinatura* — é que é possível sacar a carta capaz de iniciar a partida desde outro lugar, o “ás” capaz de produzir o índice da vida. “(...) Ele deveria saber bem como se sustentar lá em cima: sobre sua relação ao saber (...) depende mais da prova que ele fez em sua própria análise” (Lacan, 1973-1974, p. 99).

Há muito tempo estamos obcecados por exames de sangue que podem nos fornecer diagnósticos com os quais podemos estabelecer táticas de preservação da vida e, diante dos chamados “falsos-negativos”, corremos atrás de procedimentos mais sofisticados — no caso desse vírus, o desejo de analista, não há outra verificação a não ser a experiência de uma análise. Escrever a colcheia do fim: instante de se autorizar, momento de se curar da transferência e, após o golpe, tempo de declaração de paz. Ler o que se escreve e declarar o desejo, mas... com que palavras?

Referências bibliográficas

- Beckett, S. (2016). *Fin de partie*. Paris: Les Éditions de Minuit. (Trabalho original publicado em 1957)
- Duras, M. (2015). *Écrire*. Paris: Éditions Gallimard. (Trabalho original publicado em 1993)
- Duras, M. (2020). *Détruire, dit-elle*. Paris: Les Éditions de Minuit. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lacan, J. (1973-1974). *O seminário, livro 21: os não-tolos erram*. Inédito.
- Lacan, J. (1998). O mal-entendido do sujeito suposto saber. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 329-340). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)

Recebido: 19/02/2021

Aprovado: 19/02/2021